

Raízes das comunicações

José Eugenio de O. Menezes

Ao observar que muitas das genealogias dos aparatos de mediação são “fábulas confortantes” sobre um possível futuro brilhante, e ao trabalhar com a hipótese de que a história da mídia não é resultado de um “avanço previsível e necessário de aparatos primitivos para aparatos complexos”, Siegfried Zielinski põe de ponta-cabeça o que parece familiar. Em *Arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir*, ele revela momentos dinâmicos no registro arqueológico da mídia, rico em heterogeneidade, com o objetivo de “entrar desse modo num relacionamento tensional com diversos momentos atuais, relativizá-los e torná-los mais significativos” (p. 28).

Enquanto o cardápio diário servido pelos jornais celebra o avanço do último fenômeno digital, Zielinski empreende uma pesquisa de longo alcance, fruto da sua formação em Sociologia, Ciências Políticas, Filosofia, Lingüística e Artes Cênicas, do doutorado em Ciências da Mídia pela Universidade Técnica de Berlim e, nos últimos anos, da atuação como diretor da Escola Superior de Artes da Mídia de Colônia.

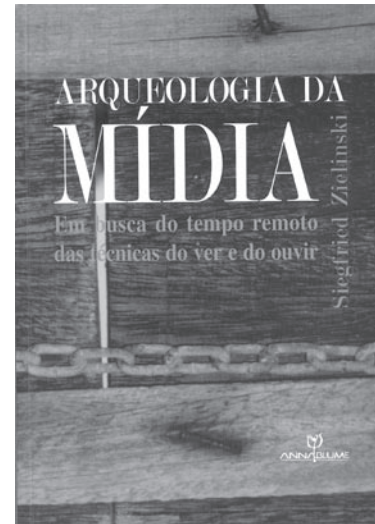
Entre a tendência de universalização imposta pelos centros de poder tecnológico ou político e as expectativas de outros em relação às redes como “campos de prova para modelos culturais, artísticos e políticos, que dariam maior proeminência e peso à diversidade e à pluralidade” (p.26), o autor propõe a seguinte pergunta: “Será que não precisamos de mais cientistas com olhos tão aguçados como os de lincos e ouvidos tão sensíveis como os de gafanhotos, e de artistas mais preparados para assumir riscos em vez de preparados para meramente moderar o progresso social por meio do uso de dispositivos estéticos?” (p. 28).

A edição brasileira revela, conforme a apresentação de Norval Baitello Jr., “as-

**Arqueologia da
mídia: em busca do
tempo remoto das
técnicas do ver
e do ouvir**

Siegfried Zielinski

São Paulo: Annablume,
2006, 335 p.



pectos soterrados pela quase totalidade das teorias da comunicação, sobretudo aquelas associações de mídia e técnica com magia, com teologia, com criminologia, com ergonomia, em uma seqüência de fatos de tirar o fôlego (e o sono) daqueles que julgam estar lidando com as últimas das últimas novidades” (p. 14), fato que mostra a originalidade da obra.

Depois de definir, na introdução, o que entende pelo tempo profundo da mídia, o autor explica sua metodologia arqueológica no texto “Achados em lugar de procura inútil: empréstimos metodológicos e afinidades para uma anarqueologia da visão e da audição através dos meios técnicos”.

No primeiro capítulo, “Atração e repulsão: Empédocles”, o autor retoma a teoria dos poros do filósofo grego Empédocles (483-430 a.C.) como uma primeira forma de se estudar a percepção e hoje compreender “a interface entre pessoas e máquinas midiáticas” (p. 73).

Em “Magia e experiência: Giovanni Battista Della Porta” (c.1538-1615), segundo capítulo da obra, Zielinski revela como o contexto histórico da cidade de Nápoles

influenciou na criação científica do pensador. Em *Magia naturalis* e outras obras, Della Porta estudou desde experimentos pneumáticos e hidráulicos até alquimia e fisionomia. Nos estudos sobre criptografia, trabalhou conceitos de troca e simpatia que hoje também nos permitem compreender a “compatibilidade entre os corpos do transmissor e do receptor” (p. 99) na sociedade midiaticizada.

No terceiro capítulo, “Luz e sombra: consonância e dissonância: Athanasius Kircher” (1602-1680), o autor comenta as contribuições do jesuíta que do *Collegium Romanum* articulava e publicava informações e experiências que seus companheiros jesuítas traziam de diversas partes do mundo. Zielinski detalha características dos principais instrumentos criados por Kircher para, por exemplo, juntar composições harmônicas, um princípio hoje utilizado nos seqüenciadores de música eletrônica. Indica que, para Kircher, o mundo “está repleto de harmonia, efeitos, ilusões; é calculável, sonhador e fantástico: um mundo midiático ideal” (p. 178).

Em “Eletrificação, teleescrita, visão em close-up: Johann Wilhelm Ritter, Joseph Chudy e Jan Evangelista Purkyně”, quarto capítulo da obra, o autor apresenta experiências extravagantes realizadas com a eletricidade; mostra que essas pesquisas iniciavam uma mudança de percepção “da gravidade da física mecânica para um relacionamento dinâmico entre o tempo e o espaço” (p. 197).

No quinto capítulo, “A descoberta de uma fossa, a câmara escura da iniquidade: Cesare Lombroso” (1835-1909), são apresentados estudos de biologia e criminologia a partir de catálogos de fotografia reunidos pelo *outsider* acadêmico.

Em “A economia do tempo: Aleksej Kapitanovich Gastev” (1882-1941), sexto capítulo do livro, Zielinski mostra o conceito de maquinismo presente na obra do engenheiro metalúrgico e artista russo. Em por-

tuguês temos acesso a um texto de Zielinski a respeito da execução de uma sinfonia de máquinas e corais dirigida pelo músico russo Avraamov (1886-1944) a partir da visão literária de Gastev. O texto “Cidade Caixa de Música, Cidade-Ouvir: a sinfonia das buzinas de Avraamov em Baku e Moscou 1923/24. Uma miniatura em arqueologia da mídia” está disponível na revista Ghrebh (<http://www.revista.cisc.org.br>).

No sétimo e último capítulo de *Arqueologia da mídia*, denominado “Conclusões: incluindo proposta para a cartografia da anarqueologia da mídia”, Zielinski apresenta sete afirmações que funcionam como pistas para futuras pesquisas. Entre elas destacamos que “cultivar dramaturgias da diferença é um remédio efetivo contra a crescente ergonômização dos mundos midiáticos técnicos que está acontecendo sob a bandeira do progresso linear ostensivo” (p. 283).

Entre as conexões apresentadas por Zielinski destacam-se a lembrança de Bruce Sterling, o autor texano de ficção científica que criou o *The dead media project* (*O projeto da mídia morta*, disponível em <http://www.deadmedia.org>) e a constante inspiração de Dietmar Kamper (1936-2001), um dos fundadores do Centro de Antropologia Histórica de Berlim. O autor também dialoga com Vilém Flusser (1920-1991), filósofo tcheco que acreditava que “os pensadores mágicos, com suas abordagens arrojadamente experimentais em relação aos fenômenos, estão entre os fundadores da ciência moderna” (p.118).

Aos leitores caberá a justa avaliação de uma obra que mapeia as raízes das comunicações na contemporaneidade.

José Eugenio de O. Menezes é doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP), docente e coordenador do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) da Faculdade Cásper Libero.